

Americanos poderão criar superbanco para acelerar empréstimos

por Nancy Dunne
do Financial Times

O secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, está considerando uma proposta apresentada pelo "chairman" da Reserva Federal (Fed, o banco central), Paul Volcker, para a criação de um superbanco internacional destinado a obter empréstimos dos bancos comerciais para os países devedores do Terceiro Mundo, informou sexta-feira um porta-voz do Tesouro.

Segundo entrevista publicada no The Washington Post, Baker disse que o superbanco teria condições de acelerar os empréstimos comerciais aos países em desenvolvimento e facilitar as negociações entre os países devedores e os bancos ocidentais.

O porta-voz do Tesouro admitiu que a proposta foi "rapidamente" discutida por Baker e Volcker, mas que, na atual fase, constitui "apenas um conceito".

O Instituto de Finança Internacional, fundado por 189 bancos internacionais em 1982, programou uma reunião em Washington, no dia 28 próximo, para discutir as novas iniciativas de Baker para aliviar a crise da dívida. Baker propôs US\$ 20 bilhões em novos empréstimos dos bancos comerciais, nos próximos três anos.

Um porta-voz do Instituto recusou-se a comentar a possibilidade que a proposta do superbanco seja incluída na agenda da reunião, que durará apenas um dia.

Em seu pronunciamento em Seul, preconizando novas estratégias para lidar com o problema da dívida, Baker defendeu a "condicionalidade pró-crescimento", recomendada por conservadores do Congresso, como Jack Kemp, que argumenta que a severa condicionalidade imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) provocou recessão, acrescentando que, em lugar disso, os novos empréstimos internacionais deveriam ser vinculados a políticas para a promoção do crescimento por meio do livre mercado.

A implementação dessa política poderia ser feita por intermédio do novo superbanco, que discutiria com os países devedores, com o FMI e com o Banco Mundial.

De acordo com o Washington Post, o superbanco eliminaria o atual sistema de empréstimos controlado pelos sindicatos (comitês) de bancos internacionais. Como os comitês precisam obter a aprovação de cada um dos bancos participantes, o processo de empréstimos ou renegociação de débitos é retardado.

Funcionários de um ou dois dos maiores bancos comerciais poderiam chefiar a nova instituição, que seria então sujeita a regulamentação por parte das agências bancárias. Uma das proposições, disse Baker ao jornal, é que todos os credores contribuam com recursos, recebendo poderes de votos equivalentes aos montantes fornecidos.

DINHEIRO NOVO — Os países endividados terão de evitar a todo o custo a busca de "new money" junto aos bancos credores que, aparentemente, não estão dispostos a admitir tal idéia. Foi o que afirmou, na sexta-feira, o diretor-superintendente do Banco Francês e Brasileiro, Pierre Jean Dossa. A seu ver, a reunião do FMI, em Seul, introduziu mudanças significativas no relacionamento dos bancos com os países endividados.